

POETAS ITALIANOS DO SÉCULO XX: BREVE ANTOLOGIA

TRADUÇÃO DE MAURÍCIO SANTANA DIAS

NOTA DO TRADUTOR As traduções aqui apresentadas são os primeiros resultados, ainda provisórios, do projeto de edição de uma ampla antologia de *Poetas italianos do século XX*, que será devidamente acompanhada de notas e introdução. Por ora, no âmbito específico desta revista, creio que o simples cotejo entre os textos italiano e português seja suficiente para, senão explicitar, ao menos delinear uma implícita poética tradutória. Os poemas *A ilha*, de Giuseppe Ungaretti, *O porco*, de Umberto Saba, *A espera*, de Camillo Sbarbaro, e os *Fragmentos líricos XI e XXXIV*, de Clemente Rebora, foram publicados no livro de Alfonso Berardinelli citado nas referências bibliográficas. *O paraíso sobre os telhados*, de Cesare Pavese, faz parte do volume *Trabalhar cansa*, do mesmo autor, em fase de publicação pela editora Cosacnaify. As demais traduções são inéditas.



Giuseppe Ungaretti

L'ISOLA

A una proda ove sera era perenne
Di anziane selve assortite, scese,
E s'inoltrò
E lo richiamò rumore di penne
Ch'erasi sciolto dallo stridulo
Batticuore dell'acqua torrida,
E una larva (languiva
E rifioriva) vide;
Ritornato a salire vide
Ch'era una ninfa e dormiva
Ritta abbracciata a un olmo.

In sé da simulacro a fiamma vera
Errando, giunse a un prato ove
L'ombra negli occhi s'addensava
Delle vergini come
Sera appiè degli ulivi;
Distillavano i rami
Una pioggia pigra di dardi,
Qua pecore s'erano appiolate
Sotto il liscio tepore,
Altre brucavano
La coltre luminosa;
Le mani del pastore erano un vetro
Levigato da fioca febbre.

[1925]

A ILHA

A uma costa onde a tarde era perene
De antigas e absortas selvas veio
E se adentrou
E um farfalhar de penas o atraíu
Ao desatar-se da estrídula
Pulsação das águas tórridas,
E uma imagem (murchava
E refloria) viu;
Voltando para o alto viu
Que era uma ninfa e dormia
Erguida, abraçada a um olmo.

Em si, de simulacro a vera chama
Errando, deu num prado onde
A sombra nos olhos das virgens
Se adensava como
Noite ao pé de oliveiras;
Destilavam os ramos
Uma chuva tarda de dardos,
Ovelhas cochilavam espalhadas
Sob o ténue tepor,
Outras mordiam
A alfombra luminosa;
De vidro temperado em febre fraca
Eram as mãos do pastor.

[1925]

SENZA PIÙ PESO

a Ottone Rosai

Per um Iddio che rida come um bimbo,
Tanti gridi di passeri,
Tante danze nei rami,

Un'anima si fa senza più peso,
I prati hanno una tale tenerezza,
Tale pudore negli occhi rivive,

Le mani come foglie
S'incartano nell'aria...

Chi teme più, chi giudica?

[1934]

JÁ SEM PESO

a Ottone Rosai

Para um Deus que sorria feito criança,
Tantos gritos de pássaros,
Tantas danças nos ramos,

Uma alma se conforma já sem peso,
As campinas têm tamanha ternura,
Tal compostura nos olhos revive,

As mãos como folhas
Se encantam na brisa...

Quem teme ainda, quem julga?

[1934]

Guido Gozzano

LA PIÙ BELLA!

I

Ma bella più di tutte l'Isola Non-Trovata:
quella che il Re di Spagna s'ebbe da suo cugino

il Re di Portogallo con firma sugellata
e bulla del Pontefice in gotico latino.

L'Infante fece vela pel regno favoloso,
vide le Fortunate: Iunonia, Gorgo, Hera

e il Mare di Sargasso e il Mare Tenebroso
quell' isola cercando... Ma l'isola non c'era.

Invano le galee panciute a vele tonde,
le caravelle invano armarono la prora:

con pace del Pontefice l'isola si nasconde
e Portogallo e Spagna la cercano tuttora.

II

L'isola esiste. Appare talora di lontano
tra Teneriffe e Palma, soffusa di mistero:

"... l'Isola Non-Trovata!" Il buon Canaritano
dal Picco alto di Teyde l'addita al forestiero.

La segnano le carte antiche dei corsari:
... Hifola da-trovarfi?... Hifola pellegrina?...

È l'isola fatata che scivola sui mari;
talora i naviganti la vedono vicina...

Radono con le prore quella beata riva:
tra fiori mai veduti svettano palme somme,

odora la divina foresta spessa e viva,
lacrima il cardamomo, trasudano le gomme...

S'annuncia col profumo, come una cortigiana,
l'Isola Non-Trovata... Mas, se il pilota avanza,

rapida si dilegua come parvenza vana,
si tinge dell'azzurro color di lontananza...

[1913]

A MAIS BELA!

I

Bonita mais que todas a Ilha Não-Encontrada:
essa que o Rei de Espanha obteve de seu primo

o Rei de Portugal, com firma carimbada
e bula do Pontífice em gótico latino.

O Infante fez-se à vela ao reino fabuloso,
viu-se nas Fortunadas: Junônia, Gorgo, Hera,

viu o Mar de Sargaço e aquele Tenebroso
em torno à sua ilha... que lá se desfizera.

Em vão as galés gordas de velas todas plenas,
em vão as caravelas armaram suas proas:

com fleuma de Pontífice a ilha se aliena
e Portugal e Espanha a buscam inda agora.

“... a Ilha Não-Encontrada!” O bom canariano
do Pico alto de Teyde a indica ao forasteiro.

Registram-na os antigos roteiros dos corsários
... Ínsua por-encontrar-se?... Ínsua que peregrina?...

É a ilha enfeitçada rolando pelos mares;
às vezes navegantes a vêem, cristalina...

Raspam-na com a proa sua margem furtiva:
de flores nunca vistas despontam palmas régias,

mil odores exala a espessa selva viva,
choram os cardamomos, transpiram claras héveas...

Se exhibe perfumada, como uma cortesã,
a Ilha Não-Encontrada... Mas, se o piloto avança,

rápida se dissolve qual aparência vã,
de um tom de azul se tinge, azul cor de distância...

II

A ilha existe. Às vezes desponta no oceano,
de Tenerife a Palma, difusa no mistério:

[1913]

Umberto Saba

LA CAPRA

Ho parlato a una capra.
Era sola sul prato, era legata.
Sazia d'erba, bagnata
dalla pioggia, belava.

Quell'uguale belato era fraterno
al mio dolore. Ed io risposi, prima
per celia, poi perché il dolore è eterno,
ha una voce e non varia.
Questa voce sentiva
gemere in una capra solitaria.

In una capra dal viso semita
sentiva querelarsi ogni altro male,
ogni altra vita.

[1910]

A CABRA

Falei com uma cabra.
Estava só, num prado, estava atada.
Já saciada, banhada
pela chuva, berrava.

Seu monótono balido era irmão
da minha dor. E eu respondi, primeiro
por burla, depois porque a dor é eterna,
tem uma voz, não várias.
Esta voz eu sentia
gemendo numa cabra solitária.

Em uma cabra de rosto semita
sentia debater-se todo o mal,
toda outra vida.

[1910]

IL MAIALE

La broda, fior di sudiciume, è pura
solo quanto il suo istinto n'è affamato;
strilla come il bambino sculacciato,
se allontani da lui la sua lordura.

Certo per lui grande ventura è quello
che per me, per un mio pensiero, è strazio:
che non si chieda perchè lo vuol bello
di pinguedine, e il più pasciuto e sazio,
la massaia che scaccia il poverello;
ch'egli, come ogni vita, ignori a cosa
poi gioverà quando sarà perfetto.
Ma io, se riguardando in lui mi metto,
io sento nelle sue carni il coltello,
sento quell'urlo, quella spaventosa
querela, quando al gruppo un cane abbaia,
e la massaia ride dalla soglia.

Solo in me mette un'impetuosa voglia
di piangere quel suo beato aspetto.

[1913]

O PORCO

O caldo, flor de podridão, é puro
samente enquanto o instinto se contenta;
grita como menino e se arrebenta
se dele lhe tiramos o monturo.

Aquilo que para ele é grande sorte,
para mim, num lampejo, é sofrimento: não
saber o porquê de o querer forte
e cheio de fartura, corpulento,
a serva que escorraça o pobrezinho;
ou que ele, como toda criatura,
ignore o que será ao ser perfeito.
Mas se nele, ao olhá-lo, me converto,
eu sinto na sua carne a rasgadura,
ouço o berro, o grunhido, o burburinho
assustador, quando o cachorro late,
e a criada gargalha da soleira.

Só em mim serpenteia essa vontade
de prantear o seu bendito aspecto.

[1913]

Clemente Rebora

FRAMMENTI

LIRICI XI

O carro vuoto sul binario morto,
ecco per te la merce rude d'urti
e tonfi. Gravidò ora pesi
sui telai tesi;
ma nei rântoli gonfi
si crolla fumida e viene
annusando con fascino orribile
la macchina ad aggogarti.
Via dal tuo spazio assorto
all'aspro rullare d'acciaio
al trabalzante stridere dei freni,
incatenato nel gregge
per l'immutabile legge
del continuo aperto cammino:
e trascinato tramandi
e irrigidito rattieni
le chiuse forze inespresse
su ruote vicine e rotaie
incongiungibili e oppresse,
sotto il cielo che balzàno
nel labirinto dei giorni
nel bivio delle stagioni
contro la noia sguinzaglia l'eterno,
verso l'amore pertugia l'esteso,
e non muore e vorrebbe, e non vive e vorrebbe,
mentre la terra gli chiede il suo verbo
e appassionata nel volere acerbo
paga col sangue, sola, la sua fede.

[1913]

FRAGMENTOS

LÍRICOS XI

Ó vagão vazio sobre o trilho morto,
eis a mercadoria de entrechoques
e baques. Cheio agora pesas
sobre traves tensas;
mas em roucos arranques
desloca-se fumegante e vem
farejando com tétrico brilho
a máquina a subjugar-te.
Partes de teu ponto absorto
e vais no áspero rolar do aço
sacolejando ao atrito dos freios,
encadeado ao rebanho
por uma lei sem tamanho
que mantém aberto o caminho:
e arrastado transportas
e enrijecido não soltas
as forças inexprimidas
nas rodas parelhas e linhas
inconjugáveis e oprimidas
sob o céu que extravagante
no labirinto dos dias
no oscilar das estações
contra o tédio desata a eternidade,
rumo ao amor perfura o espaço extenso,
e não morre e queria, e não vive e queria, enquanto
a terra lhe pede o seu verbo
e apaixonada no querer acerbo
paga com sangue, sozinha, sua crença.

[1913]

FRAMMENTI
LIRICI XXXIV

Scienza vince natura:
 è gloria. Immane ferve
 e di macchine suona e di monete
 l'uman contrasto,
 mentre in disparte l'umiltà dei vinti
 geme o s'invischia, e vana
 la melodia silvana
 inascoltata giace.
 Oh per le vie all'alba
 fulmineo ridestarsi,
 quando – uccelli dei nidi cittadini –
 per l'aria dai camini
 volano le sirene
 negl'incensi del fumo
 chiamando al buon lavoro!
 E via si lancia il giorno
 d'ora in ora al meriggio,
 e giù per la sua china
 a foggjar cose e pensieri
 con intrecciate vicende
 con risonanti movenze,
 fin che la sera il gran palpito accoglie
 e ne respira le voglie
 fra il rincasar tumultuoso
 che ai sobborghi nereggiata negli echi
 dell'ultime officine,
 tra il brulicar delle forme
 che s'indugian più scaltre
 nel tinnir luminoso dei corsi.

[1913]

FRAGMENTOS
LÍRICOS XXXIV

Ciência vence natureza:
 é glória. Imensamente ferve
 de máquinas ressoa e de moedas
 o atrito humano,
 enquanto, à parte, o coro dos vencidos
 geme ou submerge, e sem sentido
 a melodia da floresta
 jaz sem ser ouvida.
 Ó, nas ruas da aurora
 um despertar de fogo,
 quando – pássaros de ninhos urbanos –
 por entre chaminés e canos
 voam altas as sirenes
 em meio a incensos de fumaça
 chamando para o bom trabalho!
 E assim se desata a jornada
 de hora em hora, até o meio-dia
 e daí descendo pela encosta
 a forjar coisas, pensamentos,
 nas sucessões entrelaçadas
 nos movimentos martelados,
 até que a noite acolhe o peito que arde
 aspirando sua força e sua vontade
 na dura volta para casa
 que nos subúrbios escurece entre os ecos
 das mais tardias oficinas,
 por entre o tremular das formas
 que se demoram, precavidas,
 no tinnir luminoso de alamedas.

[1913]

Camillo Sbarbaro

L'ATTESA

Taci, anima mia. Son questi i tristi
giorni in cui senza volontà si vive,
i giorni dell'attesa disperata.

Come l'albero ignudo a mezzo inverno
che s'attrista nell'ombra della corte,
io non credo di mettere più foglie
e dubito d'averle messe mai.

Camminando solo
tra la gente che m'urta e non mi vede,
mi pare d'esser da me stesso assente.
E m'accalco ad udire dov'è ressa,
sosto dalle vetrine abbarbagliato
e mi volgo al frusciare d'ogni gonna.
Per la voce d'un cantastorie cieco
per l'improvviso lampo d'una nuca
mi sgocciolan dagli occhi sciocche lacrime
mi s'accendon negli occhi cupidigie.
Ché tutta la mia vita nei miei occhi
ogni cosa che passa la commuove
come debole vento un'acqua morta.

Non sono che uno specchio rassegnato
che riflette ogni cosa per la via.
In me stesso non guardo perché nulla
vi troverei.

E, venuta la sera, nel mio letto
mi stendo lungo come in una bara.

[1913]

A ESPERA

Cala-te, alma minha. Eis aí os tristes
dias em que sem vontade se vive,
os dias da espera e do desespero.

Como o galho despido a meio inverno que
entristece no pátio desolado,
não creio que germinem novas folhas
e duvido jamais ter germinado.

Andando sozinho
entre a gente que passa e não me vê, parece
que de mim me sinto ausente.
E me aperto escutando onde há tumulto,
aparvalhado paro nas vitrines
e me viro ao roçar de qualquer saia.
Pelo timbre de um cego cantador,
pelo súbito brilho de uma nuca,
escorrem de meus olhos tolas lágrimas,
acende-se em meus olhos o desejo.
Pois toda minha vida está nos olhos:
cada coisa passageira a comove
como a brisa que agita a água morta.

Eu sou como um espelho conformado
que reflete cada ângulo da rua:
a mim mesmo não miro porque nada
encontraria.

E quando a noite desce à minha cama,
me estendo, largo, como numa cova.

[1913]

Eugenio Montale

Pareva facile giuoco

mutare in nulla lo spazio
che m'era aperto, in un tedio
malcerto il certo tuo fuoco.

Ora a quel vuoto ho congiunto
ogni mio tardo motivo,
sull'arduo nulla si spunta
l'ansia di attenderti vivo.

La vita che dà barlumi
è quella che sola tu scorgi.
A lei ti sporgi da questa
finestra che non s'illumina.

[1939]

Parecia fácil jogo

transmudar em nada o espaço
que se me abria, em acídia
incerta o certo teu fogo.

Ora ao vazio conjuguei
todo meu tardo motivo,
sobre o árduo nada desponta
a ânsia de esperar-te vivo.

A vida que dá vislumbres
é aquela que só tu percebes.
Para ela te inclinas desta
janela que não se alumbrá.

[1939]

LUNGOMARE

Il soffio cresce, il buio è rotto a squarci,
e l'ombra che tu mandi sulla fragile
palizzata s'arriccia. Troppo tardi

se vuoi esser te stessa! Dalla palma
tonfa il sorcio, il baleno è sulla miccia,
sui lunghissimi cigli del tuo sguardo.

[1940]

BEIRA-MAR

O sopro cresce, o breu se rompe em partes
e a sombra que seu corpo imprime à frágil
paliçada se encrespa. É muito tarde

querer ser você mesma! Da palmeira
tomba o rato, o relâmpago é rasilho
nos longuíssimos cílios de sua vista.

[1940]

Eugenio Montale

LA FORMA DEL MONDO

Se il mondo ha la struttura del linguaggio
e il linguaggio ha la forma della mente
la mente con i suoi pieni e i suoi vuoti
è niente o quasi e non ci rassicura.

Così parlò Papirio. Era già scuro
e pioveva. Mettiamoci al sicuro
disse e affrettò il passo senza accorgersi
che il suo era il linguaggio del delirio.

[1971]

A FORMA DO MUNDO

Se o mundo se estrutura na linguagem
e a linguagem se forma como a mente
a mente com seus cheios e vazios
é nada ou quase e não nos assegura.

Assim falou Papírio. Era já escuro
e chovia. Corramos ao abrigo
disse e apressou o passo sem notar
que a sua era a linguagem do delírio.

[1971]

ELOGIO DEL NOSTRO TEMPO

Non si può esagerare abbastanza
l'importanza del mondo
(del nostro, intendo)
probabilmente il solo
in cui si possa uccidere
con arte e anche creare
opere d'arte destinate a vivere
lo spazio di un mattino, sia pur fatto
di millenni e anche più. No, non si può
magnificarlo a sufficienza. Solo
ci si deve affrettare perché potrebbe
non essere lontana
l'ora in cui troppo si sarà gonfiata
secondo un noto apologo la rana.

[1977]

ELOGIO DO NOSSO TEMPO

Não se pode exagerar o bastante
a importância do mundo
(do nosso, digo)
provavelmente o único
em que é possível matar
com arte e até criar
obras de arte fadadas a durar
o intervalo de um dia, ainda que feito
de milênios ou mais. Não, não se pode
exaltá-lo o suficiente. Só
é preciso ter pressa porque talvez
não esteja longe a manhã
em que demasiadamente inchará
segundo um famoso apólogo a rã.

[1977]

Sandro Penna

IV

Sotto il cielo di aprile la mia pace
è incerta. I verdi chiari ora si muovono
sotto il vento a capriccio. Ancora dormono
l'acque ma, sembra, come ad occhi aperti.

Ragazzi corrono sull'erba, e pare
che li disperda il vento. Ma disperso
solo è il mio cuore cui rimane un lampo
vivido (oh giovinezza) delle loro
bianche camicie stampate sul verde.

[DA POESIE, 1939]

IV

Sob o céu de abril minha paz é incerta.
Agora os verdes claros se revolvem
sob o volúvel vento. Ainda dormem
as águas, mas como de olhos abertos.

Garotos correm na relva, e parece
que o vento os dispersa. Porém disperso
é só meu coração que guarda um brilho
vívido (oh, juventude) de suas
camisas brancas impressas no verde.

[DE POESIAS, 1939]

Amelia Rosselli

Facce appese, bronzi al muro, facce di bronzo, santi
 appesi
 al muro in una camera solitaria in affitto, per quattro
 giorni aspetto. Una camera povera, sovraccarica di
 fiori
 di plastica, e leoni alla porta. Un mare trombante, e un
 paese grossolano, verdi porte all'aperto dietro la
 strada
 nuova, i monti inosservabili, la luce è un diadema. Le
 colline poi sono verdi cavalli, il galoppo un imbroglione,
 uno stratagemma per perdersi. Fa caldo ancora, e il
 cielo
 è macchiato di tombe oscure.

[DA SERIE OSPEDALIERA, 1976]

Rostos pensos, bronzes no muro, caras de bronze, santos
 pensos
 no muro de um cômodo alugado e solitário, por quatro
 dias espero. Um cômodo pobre, atulhado de
 flores
 de plástico, e leões na porta. Um mar trovejante, e um
 país grosseiro, verdes portas ao ar livre atrás da
 estrada
 nova, os montes indiscerníveis, a luz é um diadema. E as
 colinas são verdes cavalos, o galope um imbróglione,
 um estratagemma para perder-se. Faz calor ainda, e o
 céu
 está manchado de covas negras.

[DE SERIE HOSPITALIERA, 1976]

Vittorio Sereni

PAURA SECONDA

Niente ha di spavento
la voce che chiama me
proprio me
dalla strada sotto casa
in un'ora di notte:
è un breve risveglio di vento,
una pioggia fuggiasca.
Nel dire il mio nome non enumera
i miei torti, non mi rinfaccia il passato.
Con dolcezza (Vittorio
Vittorio) mi disarmo, arma
contro me stesso me.

[DA STELLA VARIABILE, 1981]

MEDO SEGUNDO

Não há nenhum espanto
na voz que chama a mim
justo a mim
da rua de minha casa
a uma hora da noite:
é um breve despertar de vento,
uma chuva furtiva.
Ao dizer meu nome não enumera
meus erros, não me confronta o passado.
Com doçura (Vittorio
Vittorio) me desarmo, arma
contra mim mesmo a mim.

[DE ESTRELA VARIÁVEL, 1981]

Cesare Pavese

IL PARADISO SUI TETTI

Sarà un giorno tranquillo, di luce fredda
come il sole che nasce o che muore, e il vetro
chiuderà l'aria sudicia fuori del cielo.

Ci si sveglia un mattino, una volta per sempre,
nel tepore dell'ultimo sonno: l'ombra
sarà come il tepore. Empirà la stanza
per la grande finestra un cielo piú grande.
Dalla scala salita un giorno per sempre
non verranno piú voci, né visi morti.

Non sarà necessario lasciare il letto.
Solo l'alba entrerà nella stanza vuota.
Basterà la finestra a vestire ogni cosa
di un chiarore tranquillo, quasi una luce.
Poserà un'ombra scarna sul volto supino.
I ricordi saranno dei grumi d'ombra
appiattati così come vecchia brace
nel camino. Il ricordo sarà la vampa
che ancor ieri mordeva negli occhi spenti.

[11-16 GENNAIO 1940]

O PARAÍSO SOBRE OS TELHADOS

Será um dia tranqüilo, de luzes frias
como o sol que levanta ou que morre, e o vidro
fechará o ar imundo ao contato do céu.

Acordamos num dia, uma vez para sempre,
na quentura de um último sono: a sombra
será como a quentura. Entrará no quarto
pela grande janela um céu mais extenso.
Das escadas subidas num dia pra sempre
não virão mais nem vozes nem rostos mortos.

Não será necessário deixar a cama.
Só a aurora entrará nesse quarto vago.
Bastará a janela a vestir cada coisa
de clareza tranqüila, quase uma luz.
Pousará uma sombra no rosto supino.
As lembranças serão uns punhados de sombra
consumidos, assim como velhas brasas
na lareira. A lembrança será a chama
que ainda ontem mordida nos olhos baços.

[11-16 DE JANEIRO DE 1940]

Patrizia Cavalli

*Adesso che il tempo sembra tutto mio
e nessuno mi chiama per il pranzo e per la cena,
adesso che posso rimanere a guardare
come si scioglie una nuvola e come si scolora,
come cammina un gatto per il tetto
nel lusso immenso di una esplorazione, adesso
che ogni giorno mi aspetta
la sconfinata lunghezza di una notte
dove non c'è richiamo e non c'è più ragione
di spogliarsi in fretta per riposare dentro
l'accecante dolcezza di un corpo che mi aspetta,
adesso che il mattino non ha mai principio
e silenzioso mi lascia ai miei progetti
a tutte le cadenze della voce, adesso
vorrei improvvisamente la prigione.*

[DA IL CIELO, 1981]

*Agora que o tempo parece todo meu
e ninguém me chama para o almoço ou o jantar,
agora que posso permanecer olhando
como uma nuvem se dissolve e como se desbota,
como caminha um gato pelo teto
no luxo imenso de uma exploração, agora
que a cada dia me espera
a interminável extensão de uma noite
onde não há mais chamado nem há mais razão
para despir-se depressa e repousar dentro
da ofuscante doçura de um corpo que me espera,
agora que a manhã já não tem princípio
e silenciosa me abandona aos meus projetos
a todas as cadências da voz, agora
queria inesperadamente a prisão.*

[DE O CÉU, 1981]

Referências bibliográficas

- ANCESCHI, Luciano. *Lirica del Novecento*. Antologia di poesia italiana. A cura di Luciano Anceschi e Sergio Antonielli. Firenze: Vallecchi, 1953.
- BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. Organização de Maria Betânia Amoroso. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosacnaify, 2007.
- CAVALLI, Patrizia. *Poesie (1974-1992)*. Torino: Einaudi, 1002.
- CONTINI, Gianfranco. *Letteratura dell'Italia unita 1861-1968*. Firenze: Sansoni, 1994.
- CUCCHI, Maurizio, GIOVANARDI, Stefano. *Poeti italiani del secondo Novecento*. Mondadori: Milano, 2004.
- DEBENEDETTI, Giacomo. *Poesia italiana del Novecento*. Milano: Garzanti, 1980.
- GOZZANO, Guido. *Tutte le poesie*. A cura di Andrea Rocca. Introduzione di Marziano Guglielminetti. Milano: Meridiani Mondadori, 1980.
- MENGALDO, Pier Vincenzo. *Poeti italiani del Novecento*. Milano: Mondadori, 1990.
- MONTALE, Eugenio. *Tutte le poesie*. A cura di Giorgio Zampa. Milano: Mondadori, 1990.
- PAVESE, Cesare. *Le poesie*. A cura di Mariarosa Masoero. Introduzione di Marziano Guglielminetti. Torino: Einaudi, 1998.
- REBORA, Clemente. *Le poesie (1913-1957)*. A cura di Vanni Scheiwiller con una nota di Gianni Mussini. Milano: Vanni Scheiwiller, 1982.
- ROSSELLI, Amelia. *Le poesie*. A cura di E. Tandello. Milano: Garzanti, 2007.
- SABA, Umberto. *Tutte le poesie*. A cura di Arrigo Stara. Introduzione di Mario Lavagetto. Milano: Meridiani Mondadori, 2001.
- SANGUINETI, Edoardo. *Poesia italiana del Novecento*. Torino: Einaudi, 1993.
- SPAGNOLETTI, Giacinto. *Antologia della poesia italiana (1909-1949)*. Bologna: Guanda, 1954.
- TESTA, Enrico. *Dopo la lirica*. Poeti italiani 1960-2000. Torino: Einaudi, 2005.
- UNGARETTI, Giuseppe. *Vita d'un uomo*. Tutte le poesie. A cura di Leone Piccioni. Milano: Meridiani Mondadori, 2005.